

Carta do Prelado (Junho 2013)

O Prelado comenta o último artigo do Credo referente a Jesus Cristo (“de novo há de vir em Sua glória, para julgar os vivos e os mortos”) e o que se refere ao Espírito Santo, animando a preparar o reino de Cristo neste tempo de espera, com a ajuda do Santificador.

04/06/2013

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Ao começar o mês de junho, vem-nos sempre à ideia com uma força especial a lembrança de S. Josemaria, cuja Memória litúrgica – Solenidade, na Prelatura – se celebra no dia 26. Ao meditar no seu exemplo de vida, ao reler os seus escritos, apercebemo-nos cada vez mais das grandes maravilhas que Deus realiza nas almas plenamente fiéis aos Seus desígnios. Vem-me aos lábios aquela exclamação da Sagrada Escritura: *mirabilis Deus in sanctis suis* [1]: como Deus é admirável nos Seus santos!

A plena identificação com Cristo – que nisto consiste a santidade – atribui-se de maneira especial ao Espírito Santo. Demos-Lhe graças pela ação com que santifica continuamente as almas. Ao celebrarmos há poucos dias a Solenidade do Pentecostes e depois a da Santíssima Trindade, elevámos com frequência o nosso coração a

esse Deus cuja vontade é, como S. Paulo escreve, *que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade* [2].

E com o regresso em cheio ao tempo comum, a Liturgia recorda-nos que nos encontramos na etapa da História que decorre entre a vinda do Paráclito no Pentecostes e a vinda gloriosa de Jesus Cristo no fim dos tempos. Esta é uma das verdades contidas no Credo, com a qual termina o ciclo dos mistérios referentes a Nosso Senhor. Em cada domingo, na Santa Missa, confessamos que o Senhor, sentado agora à direita do Pai, *de novo há de vir em Sua glória, para julgar os vivos e os mortos. E o seu Reino não terá fim* [3].

«Desde a Ascensão, a vinda de Cristo na glória está iminente», explica o *Catecismo da Igreja Católica* [4], dizendo-o no sentido em que pode

acontecer a qualquer momento. Só Deus sabe quando terá lugar esse acontecimento, que marcará o fim da História e a definitiva renovação do mundo. Por isso, sem alarmismos nem temores, mas com sentido de responsabilidade, havemos de caminhar para o encontro definitivo com Jesus, que, por outro lado, acontece para cada um no momento da morte. De Deus vimos e para Deus vamos: esta realidade constitui, no fundo, a síntese da sabedoria cristã. Contudo, como o Papa lamentava recentemente, **com frequência se esquecem estes dois pontos da História e, particularmente, a fé no regresso de Cristo no juízo final não é às vezes tão clara e firme no coração dos cristãos [5].**

Consideremos que o encontro definitivo do Senhor com cada um está precedido pela Sua atuação constante em cada momento da vida comum. Ainda me lembro da

vivacidade com que S. Josemaria Lhe-
pedia, para este caminhar
quotidiano: *mane nobiscum!* [6]: fica
connosco. Dizemos-Lho nós,
conscientes de que temos de deixar
que Ele atue na nossa vida?
Exortava-nos também a estar
preparados para prestar contas a
Deus da nossa existência a qualquer
momento. Em *Caminho* , escreveu:
***“Há de vir julgar os vivos e os
mortos”, rezamos no Credo. Oxalá
não percas de vista esse
julgamento e essa justiça e... esse
Juiz*** [7]. Sou testemunha de que
considerava pessoalmente, em cada
dia, essa possibilidade, e se enchia de
alegria. Assim nos devíamos alegrar
todos os que nos sabemos filhos de
Deus. Por isso acrescentava: ***Não
brilha na tua alma o desejo de que
teu Pai-Deus fique contente
quando te tiver de julgar?*** [8]

O tempo presente, a etapa da
História que nos cabe a cada um

percorrer, «é um tempo de espera e de vigília» [9], em que devemos trabalhar com a alegria e o entusiasmo dos bons filhos, para ir implantando na Terra, com a ajuda da graça, o reino de Deus, que Jesus Cristo levará à perfeição no último dia. É isso que acontece na parábola dos talentos, que o nosso Padre tantas vezes comentou [10]. O Romano Pontífice recordou-o numa das suas catequese, por ocasião do Ano da Fé. **A espera do regresso do Senhor é o tempo da ação (...), o tempo de fazer render os dons de Deus, não para nós mesmos mas para Ele, para a Igreja, para os outros, o tempo de procurar sempre fazer que cresça o bem no mundo. E em particular hoje, nesta época de crise, é importante não nos fecharmos em nós mesmos enterrando o nosso talento, as nossas riquezas espirituais, intelectuais e materiais, tudo o que o Senhor nos concedeu, mas abrir-**

nos, ser solidários e estar atentos ao próximo [11].

Filhas e filhos meus, não deixemos cair no esquecimento estas recomendações. Esforcemo-nos para que também outras pessoas – muitas! – não só as ouçam como lutem para as pôr em prática. Em última instancia, tudo se resume a permanecer atentos, por amor a Deus, às necessidades dos outros, começando pelos mais próximos – os que estão ao nosso lado, por razões familiares, profissionais ou sociais – tendo muito presente que, como S. João da Cruz escreveu e o *Catecismo* transcreve, «no entardecer da vida serás julgado sobre o Amor» [12]. Assim o manifesta o próprio Cristo, na impressionante cena do Juízo final que S. Mateus expõe [13]. Como sabemos servir? Aplicamos a alegria sobrenatural e humana nesses pormenores, que devem ser diários?

O pensamento destas nossas últimas realidades não há de envolver, repito, temores que paralisem a alma, mas ser uma oportunidade para ir retificando o nosso caminho terreno, ajustando-nos ao que Deus espera de nós. E há de impulsionar-nos a **viver melhor o presente.**

Deus oferece-nos este tempo com misericórdia e paciência, para aprendermos todos os dias a reconhecê-Lo nos pobres e nos pequeninos, a fim de trabalharmos para o bem e sermos vigilantes na oração e no amor [14].

O Espírito Santo, que Jesus enviou ao mundo depois da Sua gloriosa Ascensão aos Céus, sustenta-nos e anima-nos. Considerámo-lo com alegria na recente Solenidade de Pentecostes, e confessamos a Sua existência e a Sua ação na Igreja cada vez que rezamos o Credo: *Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai*

e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas [15].

Trata-se de uma verdade inacessível ao intelecto humano, revelada por Cristo aos Apóstolos, que nos mostra a grandeza e a perfeição de Deus. «O Pai não foi feito, nem gerado, nem criado por ninguém. O Filho procede do Pai; não foi feito, nem criado, mas gerado. O Espírito Santo não foi feito, nem criado, nem gerado, mas procede do Pai e do Filho» [16]. O *Catecismo da Igreja Católica* sintetiza esta doutrina em breves palavras: «A *unidade divina é trina* » [17].

O Espírito Santo é o Amor das duas primeiras Pessoas: Amor incriado e infinito, Amor consubstancial, Amor eterno que procede da entrega mútua do Pai e do Filho: um mistério absolutamente sobrenatural, que conhecemos pela Revelação do próprio Jesus Cristo e que ajuda a entender a grandeza do dom de

amar. Os Padres da Igreja e outros grandes teólogos guiados pelo Magistério, fundamentados nas palavras de Cristo, esforçaram-se por ilustrar de alguma forma – sempre no claro-escuro da fé – a divindade do Paráclito.

Baseados no modo de conhecer e de querer que é próprio das criaturas humanas, criadas à imagem e semelhança de Deus, e pelos nomes e missões que se atribuem ao Espírito Santo na Sagrada Escritura, eles explicaram a Sua processão do Pai e do Filho como Amor subsistente. Assim como Deus Pai, conhecendo a Sua própria Essência, gera o Filho, assim o Pai e o Filho Se amam num único ato de Amor, eterno e infinito, que é o Espírito Santo.

Que alegria e que paz nos deve trazer a fé de nos sabermos assistidos a toda a hora pelo divino Paráclito! Acompanhados não só de fora, como

um amigo afetuoso, mas como um hóspede que mora, com o Pai e com o Filho, na intimidade da nossa alma em graça. Ele é *descanso na luta e na paz encanto, no calor brisa, conforto no pranto* [18], como reza a Igreja na sequência de Pentecostes. É a *lux beatíssima*, a bem-aventurada luz que penetra até ao fundo da alma: ilumina-nos para conhecermos melhor Jesus Cristo, fortalece-nos para O seguirmos de perto, quando os obstáculos e as contradições nos parecem assediar, anima-nos a sair de nós mesmos para nos interessarmos pelos outros e os levarmos a Deus.

***A força e o poder de Deus
iluminam a face da Terra. O
Espírito Santo continua a assistir
a Igreja de Cristo, para que ela
seja – sempre e em tudo – sinal
erigido diante das nações,
anunciando à Humanidade a
benevolência e o amor de Deus***

(cfr. Is 11, 12). Por maiores que sejam as nossas limitações, nós, homens, podemos olhar com confiança para os Céus e sentir-nos cheios de alegria: Deus ama-nos e liberta-nos dos nossos pecados. A presença e a ação do Espírito Santo na Igreja são o penhor e a antecipação da felicidade eterna, dessa alegria e dessa paz que Deus nos prepara [19].

Entre as metáforas que a Sagrada Escritura usa para falar do Paráclito, a água é uma das mais frequentes, um elemento absolutamente necessário para a vida natural: tudo se converte em deserto onde ela falta ou escasseia, e os seres vivos adoecem ou morrem. Manifesta uma das grandes riquezas que o Criador confiou aos seres humanos para que a administrem bem, ao serviço de todos. Na ordem sobrenatural, o Paráclito é essa fonte de vida. No Seu

colóquio com a mulher samaritana, e depois na festa dos tabernáculos, Jesus Cristo prometeu que, aos que acolhessem com fé a Sua Palavra, lhes daria *água viva*, que poria em todos os que O procurassem uma *fonte de água viva* que brotaria incessantemente do seu interior. S. João anota que *se referia com isto ao Espírito Santo, que iam receber os que n'Ele acreditassem* [20].

O Espírito Santo chega aos cristãos como manancial inesgotável dos tesouros divinos. Recebemo-Lo no Batismo e na Confirmação. É-nos conferido no sacramento da Penitência, aplicando de novo às almas os méritos infinitos de Cristo. É enviado às nossas almas e aos nossos corpos cada vez que recebemos a Eucaristia e os outros sacramentos. Atua na consciência mediante as virtudes infusas e os dons... Numa palavra, a Sua missão consiste em nos fazer verdadeiros

filhos de Deus e em que atuemos de acordo com esta dignidade. **O Espírito Santo ensina-nos a ver com os olhos de Cristo, a viver e a compreender a vida como Ele o fez. Eis porque a água viva que é o Espírito Santo sacia a sede da nossa vida [21].**

O Paráclito, Senhor e Dador da vida, que falou pelos profetas e ungiu Cristo para que nos comunicasse as palavras de Deus, continua agora a fazer ouvir a Sua voz na Igreja e na intimidade das almas. Por isso, ***viver segundo o Espírito Santo é viver de Fé, de Esperança, de Caridade, é deixar que Deus tome posse de nós e mude os nossos corações desde a raiz, para os fazer à Sua medida*** [22]. Agradecemos os cuidados que nos dispensa como um pai e uma mãe bons, que isso e muito mais é para cada um de nós. Invocamo-Lo frequentemente? Renovamos em cada dia a decisão de manter a alma

atenta às Suas inspirações?
Esforçamo-nos por segui-las sem
opor resistências?

Para tornar realidade estas
aspirações, recomendo-vos que
façais vossas umas palavras que S.
Josemaria escreveu nos primeiros
anos da Obra: ***Vem, ó Santo
Espírito!: ilumina o meu
entendimento, para conhecer os
teus mandatos; fortalece o meu
coração contra as insídias do
inimigo; inflama a minha
vontade... Ouvi a tua voz, e não
quero endurecer-me e resistir,
dizendo: depois..., amanhã. Nunc
coepe ! Agora!, não vá a ser que o
amanhã me falte. Oh, Espírito de
verdade e de sabedoria, Espírito
de entendimento e de conselho,
Espírito de gozo e da paz!: quero o
que quiseses, quero porque queres,
quero como quiseses, quero
quando quiseses ...***[23].

Peçamos-Lhe, com toda a confiança, pela Igreja e pelo Papa, pelos bispos e sacerdotes, por todo o povo cristão. De modo especial roguemos-Lhe por esta pequena parte da Igreja que é o Opus Dei, pelos seus fiéis e cooperadores, por todas as pessoas que se aproximam do nosso apostolado animadas pelo nobre desejo de servir mais e melhor Deus e os outros. E que grande consolação se nos oferece com a Solenidade do Coração de Jesus e a Memória do Imaculado Coração de Maria! Recorramos a estes refúgios de paz, de amor, de alegria, de segurança.

Regressei há dois dias de uma viagem à África do Sul, onde o trabalho da Obra vai ganhando forma. Bem sabeis que gostaria de estar em todos os lugares onde vivem e trabalham as minhas filhas e os meus filhos. Vou até lá com a oração, com o sacrifício alegre, com o oferecimento do trabalho. Uni-vos às

minhas intenções e rezai por mim, especialmente por ocasião do meu aniversário, no próximo dia 14, para que sempre e em tudo me oriente o exclusivo anseio de servir Deus, a Igreja, as almas e todos vós, com a totalidade e a alegria com que o nosso Padre sempre atuou, com a fidelidade do queridíssimo D. Álvaro e de quantos nos precederam na Casa do Céu.

Com todo o afeto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de junho de 2013

© *Prælatūra Sanctæ Crucis et Operis Dei*

[1]. *Sl* 67/68, 36 (Vg).

[2]. 1 *Tm* 2, 4.

[3]. Missal Romano, *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*.

[4]. *Catecismo da Igreja Católica* , n. 673.

[5]. Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 24-IV-2013.

[6]. *Lc* 24,29.

[7]. S. Josemaria, *Caminho* , n. 745.

[8]. S. Josemaria, *Caminho* , n. 746.

[9]. *Catecismo da Igreja Católica* , n. 672.

[10]. Cfr. *Mt* 25, 14-30.

[11]. Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 24-IV-2013.

[12]. S. João da Cruz, *Avisos e sentenças* , 57, em *Catecismo da Igreja Católica* , n. 1022.

[13]. Cfr. *Mt* 25, 31-46.

[14]. Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 24-IV-2013.

[15]. Missal Romano, *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*.

[16]. *Símbolo Quicumque* ou Atanasiano.

[17]. *Catecismo da Igreja Católica* , n. 254.

[18]. Missal Romano, Solenidade de Pentecostes *Sequência*.

[19]. S. Josemaria, *Cristo que passa* , n. 128.

[20]. Cfr. *Jo* 4, 10-13; 7, 37-39.

[21]. Papa Francisco, Discurso na Audiência geral, 8-V-2013.

[22]. S. Josemaria, *Cristo que passa* , n. 134.

[23]. S. Josemaria, Apontamento manuscrito, abril de 1934.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-
prelado-junho-2013/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-prelado-junho-2013/) (10/08/2025)